

INSTITUTO BRASILEIRO DE BIOSÍNTESE

**DESASSOSSEGO NUM CORPO QUE NÃO ME PERTENCE: UMA LEITURA DA
DISFORIA DE GÊNERO À LUZ DA BIOSÍNTESE**

NATAL/RN

2017

**JULIANA GUEDES DE MELO
LUCIANA DE PAULA SOARES LOPES
MARINA CHIARELLI PEREIRA CASTRO
NARJARA MEDEIROS DE MACEDO
TATIANA CARLOS DO AMARAL**

**DESASSOSSEGO NUM CORPO QUE NÃO ME PERTENCE: UMA LEITURA DA
DISFORIA DE GÊNERO À LUZ DA BISSÍNTESE**

Seminário apresentado ao Instituto Brasileiro
de Biossíntese – IBB (Natal/RN).

Orientadora: Profa. Ms. Dulcineia Pires.

NATAL/RN

2017

RESUMO

O presente estudo objetiva discutir a questão da disforia de gênero à luz da Biossíntese, enquanto desacordo insuportável para o sujeito entre seu gênero e seu sexo, gerando intenso sentimento de não pertencimento à identidade sexual inscrita no corpo. Anteriormente denominada como transexualidade, o transgênero ou a disforia de gênero é um termo que envolve um amplo processo de “despatologização” do transexualismo, na medida em que confirma a tese do predomínio do gênero sobre o sexo, abrindo espaço teórico, ético e terapêutico para as novas manifestações da sexualidade. Para Boadella, a vida é a própria jornada do desenvolvimento pessoal, na qual potenciais e qualidades interiores podem ser cada vez mais postos em prática e compreendidos, a despeito das forças de bloqueio, distresse e fragmentação. Como metodologia de trabalho, é proposta uma análise do filme Garota Dinamarquesa, a partir de revisão de literatura em psicanálise e biossíntese, considerando obras de autores clássicos e publicações científicas de pesquisas datadas dos últimos cinco anos, acessadas em plataformas científicas, tais como Scielo, Psiqueweb, Lilacs etc.

Palavras-chave: transgênero, disforia de gênero, biossíntese, psicanálise, despatologização.

1. INTRODUÇÃO

Sossegados, nos sentimos em casa, no próprio corpo, estamos integrados, unos e não divididos pelo conflito interior. Desassossegados, ficamos tensos, retraídos, cheios de estados emocionais não-resolvidos, em luta contra nós mesmos e os contra os outros, infelizes, neuróticos, a ponto de gerar doenças físicas em nós (...) (BOADELLA, 1997, p. 112)

Para Lanz (2014), transgênero é qualquer pessoa envolvida em atividades que cruzam as fronteiras socialmente aceitas no que diz respeito à conduta preconizada pelo dispositivo binário de gênero. Dentre as diversas possibilidades de manifestação da sexualidade, a disforia de gênero é marcada pelo sentimento de não pertencer à identidade sexual inscrita no corpo.

Apesar de ser um fenômeno cada vez mais presente na contemporaneidade, os estudos transgêneros ainda são muito escassos no meio acadêmico no que se refere a publicações, ensino e pesquisas. Essa realidade não é diferente no campo da Psicologia: se as contribuições da psicanálise ainda são recentes, as das psicoterapias corporais são praticamente inexistentes. Esse panorama, atrelado ao interesse das integrantes pelo tema, mobilizou o desafio de produzir esse trabalho.

Diante disso, o estudo em questão, denominado “Desassossego num corpo que não me pertence: Uma leitura da disforia de gênero à luz da Biossíntese”, pretende abordar o fenômeno transgênero e os seus respectivos desdobramentos psicológicos. Para isso, partindo de uma breve contextualização, pretende-se articular a teoria psicanalítica as contribuições das psicoterapias corporais, especialmente a Biossíntese. Ao final, a discussão teórica desenvolvida será articulada à análise do filme “A Garota Dinamarquesa”.

Partindo da perspectiva da Biossíntese, que preconiza “(...) um processo desenvolvido para unificar as três camadas embrionárias e as três regiões do corpo que as representam, mas também a integração da área da cabeça, com a área do coração e com o hara (...) região abdominal do corpo” (BOADELLA, 1992, p. 66), esse estudo foi dividido em três grandes eixos, intitulados como camadas, quais sejam, a social, a familiar e a individual, buscando, dessa forma analisar os respectivos desequilíbrios e cisões que ocorrem em cada um desses contextos quanto ao fenômeno transgênero.

2. A CAMADA SOCIAL: os lugares e os deslugares do fenômeno transgênero

2.1 O SENTIMENTO DE NÃO PERTENCER AO PRÓPRIO CORPO: A SOCIEDADE

Muitas pessoas não se sentem à vontade em seus corpos porque se excluem deles.

(BOADELLA, 1992, P.144)

Na contemporaneidade, o nosso olhar está perdido, vemos roupas, celulares, acessórios, títulos acadêmicos, currículos, *status* nas redes sociais. Nos contentamos em acessar a superfície. Falta-nos base de sustentação: raízes. Quem está a nossa frente não é mais decifrável pelo modo de se vestir ou se comportar. O sexo biológico não é suficiente para dizer se é homem ou mulher. Afinal, quem estabeleceu o que é ser homem ou mulher? Por que ser um ou outro? Como pode ser os dois simultaneamente? Ou não ser nem um, nem outro? Então, é o que? Aquilo? A coisa? De dia é Maria e de noite é João? Como assim? A maneira de se vestir não nos dá respostas concretas. Pode-se ser quem quiser, quem se deseja ser. Angústia. Caos. Perda. Luto. Bagunça. É preciso tirar tudo o que está dentro do armário, aquilo que vestia a sociedade não cabe mais, não tem lugar, precisamos de novas roupas, novos corpos, novos conceitos para que, assim, possamos ter um chão, logo, um lugar.

Estamos confusos diante do fenômeno transgênero, buscamos classifica-los como certos e errados, agradáveis ou não, saúde ou doença, entramos em crise por não saber onde situar aquele que se apresenta na nossa frente, a identidade é reinventada ao sabor do desejo:

“Era pouco comum, nas gerações que nos precederam, uma pessoa colocar em dúvida quem ela era. Agora, ao contrário, somos todos obrigados a pensar o tempo todo em quem realmente somos, o que desejamos e como devemos viver nossas vidas. O problema é que o mundo também não tem mais referências absolutamente seguras e estáveis para oferecer, como tinha antigamente, o que torna ainda mais dramáticas as escolhas que temos diante de nós.” (LANZ, 2014, p.31)

Somos colocados em dilemas existenciais pela infinidade de possibilidades de escolhas que temos a nossa frente. A ausência de chão por não entendermos o que é e em como se caracteriza a questão transgênero nos deixa, enquanto sociedade, sem sustentação para o ser na vida, isto é, sem *Ground*, conceito utilizado por BOADELLA (1992) no sentido em que o enraizamento é fundamental para que possamos situarmos no mundo, o que sentimos e o que somos, tornando suscetível nossa adaptação as adversidades da vida.

Por quebrarem completamente a ordem social vigente até pouco tempo atrás, os transgêneros se encontram padecem do não se sentirem pertencente tanto ao seu próprio corpo, quanto a sociedade, sem *Ground*, são marginalizados por quebram a ordem social.

Segundo LANZ (2014), os transgêneros sempre estiveram invisíveis perante os demais, historicamente sempre foi negado lugar e voz, fator que se torna palpável quando percebemos a rejeição nos ambientes familiares devido a sua condição *trans*, a hostilidade nas ruas, o isolamento e a dificuldade de conseguir adentrar no mercado de trabalho (muitos se tornam profissionais do sexo por causa da ausência de alternativas), o tratamento desigual em instituições públicas e privadas, o despreparo de profissionais do Sistema Único de Saúde (SUS), cujo principal dever é resguardar atendimento de saúde digno e universal a toda população brasileira:

“ Segundo as travestis, eles “não possuem a mente aberta”, não respeitam o uso do nome social, as veem com um olhar discriminatório, não aceitam trata-la ou são indiscretos e antiéticos sobre as suas doenças, e isso faz com que elas não se sintam à vontade de procurar os locais de atendimento de saúde. ” (MORAES, 2014, p. 189).

Sendo assim, tais fatores que são intensificados se levarmos em consideração que a questão de gênero ainda é tratada no meio médico de maneira patológica, se analisarmos que nos códigos internacionais descrevem e classificam dentro dos distúrbios físicos e mentais como Disforia de Gênero, de acordo com o *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – DSM V* publicado pela *American Psychiatric Association –APA*.

Por mais que tenhamos um crescente movimento na sociedade para despatologização e inclusão social da condição *trans*, ela ainda não é aceita, por vezes, é tolerada, uma vez que padecem de níveis altíssimos de preconceito, discriminação e exclusão social.

Enquanto psicoterapeutas da Biossíntese, na busca proporcionar o mais *grounding* na vida para os transgêneros devemos: “[...]estabelecer uma série de experiências nas quais a pessoa venha a sentir seus próprios impulsos internos na vivência social; como ela se construiu no passado e que nova forma de “firmar” pode ser possível. ” (BOADELLA, 1992, P. 89). Faremos isso, compreendendo, inicialmente, as terminologias dos Estudos Transgêneros.

2.2. NA BUSCA DE UM CHÃO: COMPREENDENDO O DICIONÁRIO DOS ESTUDOS TRANSGÊNERO

Os conceitos ainda não atingiram a todos, dificultando cada vez mais que se encontre um lugar para a população transgênero, por isso precisamos compreender que quer dizer cada conceito para acharmos *grounding* diante da questão.

De acordo com Lanz (2014), a princípio, o termo “sexo” refere-se ao órgão genital que cada pessoa traz ao nascer, dividindo os seres humanos em machos (pênis) e fêmeas (vaginias); interssexuado são aqueles que nascem com pênis e vagina simultaneamente, destituído de qualquer traço genital definido. Além disso, existem as características genitais secundárias: a quantidade de pelos nos corpos, presença ou ausência de seios, curvas e força física, as quais são consequência de processos fisiológicos baseados essencialmente na herança genética, cromossomo XX na fêmea e o XY no macho); gênero caracteriza-se pelo conjunto de expectativas de desempenho de uma pessoa estabelecidos de acordo com o sexo biológico, representado por estereótipos, mediante o estabelecimento de códigos de conduta e comportamentos que devem ser seguidos a partir de construções políticas, econômicas e culturais que são socialmente aprendidos; enquanto orientação sexual “[...] *está relacionada ao desejo erótico-afetivo de uma pessoa: com quem ela gosta de namorar e/ou de manter relações sexuais*. (LANZ, 2014, p. 43). A relação direta entre sexo, gênero e orientação sexual é denominada de Heteronormatividade, termo criado por Judith Butler.

Transgênero caracteriza-se por qualquer gênero que não se enquadre, ou se identifique no binário (homem-mulher), grupo fortemente marcado pela ousadia, insistência e determinação em confrontar o sistema binário amortecido pela ótica judaico-cristã. Já os Cisgênero (do latim cis = do mesmo lado, em conformidade com) em sua conduta psicossocial, expressa nos atos mais comuns do dia a dia, está inteiramente de acordo com o que a sociedade espera de pessoas do seu sexo biológico.

3. A CAMADA FAMILIAR

3.1. A QUESTÃO DE GÊNERO NA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA

De uma perspectiva social trazida no início deste estudo, parte-se para um círculo concêntrico menor, qual seja, o familiar e deste para o do sujeito. Percebe-se que não há uma unanimidade entre os autores psicanalíticos quanto à etiologia das questões ligadas ao gênero.

Roberto Graña, ao falar do fenômeno transgênero, alude ao fato de ele se apresentar no início do desenvolvimento emocional da criança. Sua manifestação precoce não autoriza, no entanto, uma caracterização suficiente destes “quadros clínicos”, devendo haver uma observação mais atenta e cuidadosa por um período maior de tempo (2009, p. 17). Dito autor ressalta também que “tais manifestações desviantes” (2009, p. 17) são mais plásticas por se apresentarem no início do desenvolvimento, o que permitiria uma “aproximação terapêutica efetiva em significativa parte dos casos” (2009, p. 17).

Quanto à etiologia do tema em questão, o autor traz como “condição apriorística para o seu surgimento uma distorção profunda da matriz representacional de gênero na família, operando no nível das identificações primordiais” (GRAÑA, 2009, p. 15). Graña (2009, p. 15) explica que a matriz representacional engloba tanto as produções fantasmáticas da criança quanto as atitudes e ações das pessoas que desempenham as funções parentais junto a ela, havendo consanguinidade ou não.

Segundo o autor, as identificações e as relações de objeto entre a criança e os pais (ou com aqueles que desempenham as funções parentais) repercutirão no seu desenvolvimento psicosssexual:

de acordo com as variações na organização primária das relações de objeto e na forma como se internalizaram os esquemas relacionais dos primeiros anos de vida, a criança encontrará maior ou menor facilidade para tornar compatíveis seu sexo e seu gênero, i.e, sua condição natural biológica e a representação psíquica desta (Graña, 2009, p. 16).

Diante de determinadas dinâmicas apresentadas pelas figuras iniciais de referência, a criança pode sentir-se pertencendo a um gênero oposto àquele que socialmente corresponde a sua condição anatômico-biológica (Graña, 2009, p. 16).

No que tange especificamente ao transexualismo, o psicanalista traz algumas possibilidades dessas dinâmicas familiares tanto no caso do menino que se sente uma menina, repudiando os seus genitais, como no caso da menina que passa a se apresentar como um menino.

No primeiro caso, de acordo com Stoller (1975 *apud* Graña, 2009), os meninos transexuais costumam ser bonitos aos olhos da mãe, mesmo que os demais não compartilhem dessa perfeição física. Além desta questão narcísica, as disposições da mãe e do pai também contribuiriam para desencadear o processo de “feminilização radical” do menino (2009, p. 19).

Quanto à dinâmica familiar, Graña coloca que as mães destes meninos costumam ser mulheres cronicamente deprimidas, com importantes déficits narcisistas e apresentando, frequentemente, uma conduta viril, presente ou passada” (2009, p. 20). O filho é esperado por elas como um reparador do seu *self* lesado, sendo recebido então como um “semideus”, como um “*falus* feminilizado” da mãe, como uma “feminilização sem castração”, no dizer de Stoller e é sutilmente desencorajado pela mãe a apresentar qualquer traço de virilidade, pois ela não suporta reconhecer a masculinidade de seu filho. É como se, desde o nascimento, as mães inconscientemente sugerissem aos seus filhos que adotassem comportamentos femininos. Os meninos nesta condição apresentam-se como se “naturalmente” fossem meninas, com gestos delicados. A sugestão é sutil, não havendo manifestações de hostilidade da mãe para com o seu filho, segundo Graña (2009, p. 21). Estabelece-se aí uma extrema simbiose entre a mãe e o filho.

Se há uma simbiose entre mãe e filho, o pai não é autorizado pela mãe a fazer parte dessa relação, ficando alheio a esse vínculo dual. A simbiose mostra-se tão forte que a figura do pai não é apenas enfraquecida, ela é inexistente para a experiência psíquica da criança, afirma Graña (2009, p. 20). Essa figura paterna é escolhida pela mãe exatamente por apresentar características de omissão e passividade, campo propício para a configuração da simbiose. Apesar da simbiose, o autor ressalta que “o transexualismo primário não seria uma perversão, como também não seria uma psicose¹” (2009, p. 20).

Quanto às meninas, elas se sentem ofendidas narcisicamente quando descobrem que tanto ela quanto a mãe não possuem o pênis. A descoberta da castração pela menina gera profundos conflitos com a mãe pois ela não foi capaz de lhe fornecer aquilo que lhes completaria, o pênis. Problemáticas na feminilidade, na assunção do corpo de mulher podem se apresentar a partir desse contexto, especialmente se não houver um investimento amoroso dos pais em relação a ela. Pois, neste caso, “ela evitará a identificação com a imago materna desvalorizada procurando ocupar o lugar do objeto de amor do pai, que sendo determinado predominantemente por uma escolha narcisista dele, a conduzirá a identificar-se com o gênero masculino” (Graña, 2009, p. 153). Outra posição que pode ocorrer com a menina, segundo Stoller (*apud* Graña, 2009, p.

¹ A questão da estrutura psíquica será referida na parte final deste capítulo.

154) é passar a ocupar o lugar do pai-marido para evitar o desamparo e a solidão da mãe em relação ao seu companheiro.

Há algumas críticas que podem ser feitas ao entendimento de Roberto Graña. Ao usar expressões como “desvios”, “diagnóstico” “transtorno”, “perturbações”, entre outros, percebe-se o tom de marginalização e anormalidade que confere ao tema da transexualidade.

Avançando nas leituras psicanalíticas sobre o tema, tem-se Paulo Roberto Ceccarelli. O psicólogo e psicanalista traz inicialmente uma breve contextualização histórica e social da questão de gênero.

Segundo o autor, a primeira cirurgia oficial de transexualização foi feita na Dinamarca em 1952. Desde esta data até o presente momento, observa-se tanto na Europa quanto nos Estados Unidos que o fenômeno transexual vem ganhando amplitude na sociedade. Exemplos dessa amplitude de reconhecimento social, de acordo com o psicanalista, são as cirurgias para mudança de sexo que são custeadas em alguns países europeus pelo governo; a voz dos transexuais cada vez mais ouvida em programas de televisão ou em autobiografias e a mudança de nome e de gênero no registro civil de cidadãos que não se identificam com o corpo em que nasceram. A possibilidade de se fazer a hormonoterapia também estampa dito reconhecimento.

Apesar de o reconhecimento social ser mais atual, Ceccarelli afirma que o sentimento de pertencer a outro sexo distinto do que veio designado biologicamente é tão antigo “quanto a sexualidade humana” (2003, p. 1). Para corroborar sua fala, faz referência a relatos da mitologia greco-romana e a fontes literárias e antropológicas que descreviam personagens vestidos como se veste o sexo diferente do seu, o que era acompanhado do sentimento de estranhamento do próprio sexo.

Ao promover mudanças no corpo para diminuir esse estranhamento, o autor explica que o transexual não muda verdadeiramente de sexo, a mudança se dá nos atributos, nas aparências do sexo. “A ‘mudança’ de sexo deve ser compreendida como uma mudança de ‘fachada’, como uma nova aparência dada ao aspecto exterior do sujeito” (2003, p. 1).

Ceccarelli ressalta a diferença que se deve fazer entre os travestis e os transexuais. Os primeiros reproduzem de uma maneira caricatural os estereótipos femininos. Existe uma dimensão fetichista para o uso de roupas femininas, pois elas escondem algo a ser revelado, o pênis. É por esse motivo que o travesti não busca extirpar o órgão que sustenta o seu fetichismo. “O travesti não apresenta dúvida quanto à sua identidade sexuada: ela é masculina” (p. 3). Já os chamados “transexuais verdadeiros” não apresentam o comportamento estereotipado dos travestis, mas sim um inconformismo quanto à sua identidade sexual.

É esse sentimento de inadequação entre a anatomia do sujeito e o seu “sexo psicológico” que constitui a base do conflito psíquico apresentado pelos transexuais, explica o autor. Além desse conflito, outro se apresenta na cena social, ligado às questões sócio-culturais.

Quanto à etiologia, Ceccarelli afirma que não há uma unanimidade entre os pesquisadores. Para ele, a origem da não identificação com o próprio sexo não é a mesma para todos os transexuais, o que já difere do entendimento mais enquadrado de Roberto Graña. Segundo Ceccarelli, na perspectiva psicanalítica, tem-se a escola americana encabeçada por Roberto Stoller e a francesa que segue o que dita Lacan.

Stoller faz uma separação do biológico (sexo) do psíquico (gênero) e afirma que o gênero prima sobre o sexo, ou seja, que a aquisição do feminino e do masculino pode ser feita por um homem ou por uma mulher. Diferentemente de Freud, Stoller acredita que a libido é feminina por excelência. Somos todos meninas no início; vindo a masculinidade a ser construída posteriormente. Isso se deve ao estado de “união inicial” que a criança possui com sua mãe, gerando uma “feminilidade primordial”. Em razão disso, “é muito mais difícil tornar-se homem do que mulher, pois o menino tem que desidentificar-se com a mãe” (2003, p. 5).

Segundo Ceccarelli,

Lacan considera que o transexual encarna o falo e procura, através da cirurgia, libertar-se do lugar que é tomado como significante. Logo, trata-se de uma psicose onde o sujeito tenta, por falta do significante Nome-do-Pai, amarrar através da cirurgia o real, o simbólico e o imaginário (2003, p. 5).

O autor levanta uma série de perguntas em relação ao caminho que é percorrido do anátomo-biológico à construção da identidade sexuada. Como a criança passa a se perceber como um menino ou como uma menina? O biológico garante que o sujeito se sinta homem ou mulher? “De onde vem a ‘convicção delirante’ que consiste em acreditar que se é do sexo anatômico que se tem?” (2003, p. 5).

“É a consolidação de uma crença que nos leva a dizer se somos menino ou menina”, responde o autor (2003, p. 5). Essa crença advém do que é socialmente estabelecido. Uma série de atributos comportamentais – o gênero (feminino e masculino) – é conferida ao homem e à mulher desde o seu nascimento (ou até antes dele, pela ecografia) pela família e, mais amplamente, pela sociedade. É o que explica nessa passagem:

Espera-se que ela – a criança – submeta seus comportamentos e condutas ao sistema simbólico da sociedade no qual está inserida. É nessa referência que lhe será dito – através de palavras, do discurso dos pais sobre a criança e para com a criança, discurso este baseado nos desejos dos pais, nos fantasmas e crenças desses últimos, ou seja, pelo lugar que ele ocupa na família e na sociedade, etc – que ele é um menino ou uma menina. Tal crença, lhe será confirmada durante toda a sua vida pelo seu corpo, pela sua psicosexualidade assim que pela opinião comum (2003, p.5).

Ceccarelli fala em como o peso do simbólico na construção do sentimento de identidade e a força do imaginário dos pais é confirmado nos chamados “estados intersexuais”. Esses estados são aqueles em que a criança nasce com uma má formação anatômica ou uma formação ambígua dos órgãos sexuais externos. Nesses casos, a atribuição de gênero dada pelos pais prevalece sobre o sexo determinado biologicamente pelos cromossomos XX ou XY, mostrando o impacto que o social/familiar possui no processo de construção da identidade sexuada. Os trabalhos de Stoller também evidenciam que o mandato explícito ou implícito do desejo familiar (masculinizante ou feminilizante) é que norteia o desenvolvimento da identidade de gênero, segundo Graña (2009, p. 16).

No campo das identificações (que repercute diretamente na questão de gênero), existem dois caminhos a seguir, segundo Ceccarelli. Em um deles já há o posicionamento da criança ao lado de um dos genitores como uma identificação que é anterior ao momento edípico. A criança faria então uma distinção de gênero independentemente da diferença anatômica dos sexos. No outro caminho, a identificação passa pelo Estádio do Espelho.

O Estádio do Espelho, segundo Cruz (2006, p. 181), é descrito por Lacan como uma fase que vai dos 6 aos 18 meses de idade e caracteriza-se como um processo em que a criança vai paulatinamente se apropriando da sua imagem e, conseqüentemente, construindo sua identidade e estruturando seu EU como uma unidade, saindo de um estado de “corpo esfacelado”, em que o corpo é experimentado como algo disperso. Esse processo de construção da imagem é permeado por etapas. No início, ao olhar-se no espelho, a criança reage àquela imagem como uma realidade ou como a imagem de um Outro; em seguida, a imagem passa a ser vista pela criança como um objeto real e, por fim, a criança passar a reconhecer esse Outro como a sua própria imagem. “A imagem do corpo é, portanto, estruturante para a identidade do sujeito” (CRUZ, 2006, p. 181).

A mãe é o Outro que primeiro olha para o bebê e este olhar é extremamente importante para a sua constituição. É a mãe que reconhece e aquiesce a imagem do bebê quando do Estádio do Espelho, adverte Ceccarelli (2003, p. 6). Além da constituição do olhar da mãe, vale ressaltar que o reconhecimento do bebê também se dá por meio da sua palavra. Antes de falarmos, somos falados. A palavra dos Outros que também nos constitui, nos reconhece simbolicamente. Uma pergunta feita pelo autor e de extrema importância é: o que vê esse Outro no espelho? O que fala esse Outro para o espelho? Será que ele vê/fala um menino, uma menina? Independentemente das respostas, o que ocorre são as projeções inconscientes que a mãe faz ao olhar para o seu bebê.

Ceccarelli, baseando-se em Freud, fala acerca do lugar que o recém-nascido ocupa em uma família. É um lugar de projeções inconscientes do narcisismo dos pais. Essas projeções já acontecem antes mesmo do nascimento do bebê, na fala dos pais muitas das vezes. Os pais esperam que o bebê corresponda aos seus desejos, que a criança imaginada venha dotada de todos os atributos que o narcisismo dos pais considera necessário, incluindo a questão psicosssexual. E o bebê, para ser amado, assim responde a seus pais. Complementa Ceccarelli que toda mulher e homem ao se tornar mãe e pai evocam imagos e fantasmas que serão projetados em seu bebê. A psicosssexualidade do recém-nascido vai sendo construída, portanto, sobre os alicerces fantasmáticos dos pais. “Para a psicanálise, a anatomia é sempre fantasmática, pois é resultado de investimentos libidinais mediatizada pelos fantasmas conscientes, mas sobretudo inconscientes, dos pais” (CECCARELLI, 2003, p. 7).

Ao olhar para o bebê, a mãe pode projetar, de acordos com suas necessidades narcísicas, um gênero não correspondente ao biologicamente determinado. O olhar e a palavra do Outro são tão poderosos que a criança fica presa à forma como foi olhada e falada, mesmo que signifique uma desconformidade entre o imaginário e o real.

Quando o bebê não corresponde à criança imaginada pelo narcisismo dos pais, é preciso que estes façam o luto dessa criança imaginada. Ceccarelli afirma:

acredito ser justamente a impossibilidade de elaboração do luto da “criança imaginada” que se anuncia no horizonte do futuro transexual: seu lugar e sua sexuação já estão, de certa forma, determinados, fixados, no imaginário de seus pais muito antes de sua vinda ao mundo. Neste caso, a construção de um sentimento de identidade sexuada de acordo com o sexo anatômico encontra-se bloqueado por identificações primárias entravadas. No meu trabalho encontrei vários casos onde estes sujeitos nasceram após a morte de uma criança do sexo oposto do sujeito em questão... (2003, p. 8).

Mais especificamente no caso das crianças transexuais, a mãe, representante do primeiro grande Outro, já traçou o seu destino sexual no seu imaginário. Para ser amada e constituir-se enquanto sujeito, a criança responde ao desejo materno, mesmo que sua identidade sexual não coincida com o biológico. Desprender-se dele seria não existir para os pais. A criança, então, “aceita” o lugar que lhe foi reservado no mito familiar em ressonância com uma problemática transgeracional, a qual determina a sexuação de seu corpo e de sua identidade sexuada” (CECCARELLI, 2003, p. 9). Quando a criança “opta” pelo caminho da transexualidade está, na verdade, optando por uma sobrevivência psíquica, por uma tentativa de constituir-se como sujeito aos olhos e palavra de seus pais. “Talvez – como sabe-lo? – uma identidade sexuada em desacordo com a anatomia, seja ‘preferível’, ou pelo menos não tão angustiante, do que a ameaça de não existência, ou a angústia igualmente terrificante, de possuir um corpo

despedaçado” (CECCARELLI, 2003, p. 9). A solução transexual seria a busca da congruência entre o que se sente (que passa pelo desejo dos pais) e pelo que o corpo vai passar a ser.

Por fim, faz-se referência a escritos mais novos sobre o tema. Clotilde Leguil é uma psicanalista pós lacaniana que se debruça sobre o tema do ser e do gênero de uma forma poética, apresentando seus entendimentos a partir de histórias de personagens de livros e filmes em uma interessante narrativa.

A autora coloca a questão do gênero em uma perspectiva muito singular que não fica atrelada ao biológico, ao social, mas ao desejo e ao gozo. Sob a perspectiva do inconsciente, o gênero deixa de ser um lugar de rigidez do ser e passa a ser um lugar em que este respira e pode existir mesmo com a precariedade inerente à relação dos sujeitos com os seus corpos, com o seu sexo e com o Outro, afirma Leguil (2016, p. 14). “Ser homem e ser uma mulher se torna para cada um a ocasião de uma interpretação inédita de seu ser sexual, de sua sexualidade” (Leguil, 2016, p. 14).

Nos estudos de gênero, o gênero normalmente é tecido como um lugar de limitação a um corpo que busca fugir dele a qualquer custo. Leguil (2016, p. 16) entende que para a psicanálise, ao gênero estão atreladas questões ligadas a busca do seu próprio ser.

A história do sujeito, vista como um caminho percorrido e permeado de encontros e relações com os primeiros gêneros é que aparece como principal pano de fundo para o entendimento do gênero e ser que se apresenta, que se busca. É o que explica Leguil nesta passagem:

ser homem ou ser mulher é ser este homem, esta mulher, pautado na maneira como a virilidade e a feminilidade se apresentaram em uma existência. Essas colorações do ser surgiram de encontros íntimos com outros homens e outras mulheres, e dão forma à história de um sujeito (Leguil, 2016, p. 18).

Clotilde valoriza e destaca aquilo que, com Lacan e depois dele, a psicanálise passa considerar como “alguma coisa de estranho, abjeto, fora de sentido, que surge através do corpo e na relação com o Outro” (2016, p. 19). É através do discurso de cada um que se chega às origens do que há de estranho, do gênero e do ser. É por esse motivo que o discurso em primeira pessoa é tão valorizado em detrimento de uma normatividade que não vem do próprio sujeito.

As diferentes configurações e arranjos familiares (um pai, uma mãe, duas mães, dois pais, uma mãe sozinha, um pai sozinho...) são trazidas como o lugar a partir do qual a “criança descobre uma significação dada ao ser mulher ou ao ser homem” (2016, p. 175). Nessa passagem, vê-se a marca da singularidade da história de vida de cada um que permeia sua relação com os gêneros. Quando se volta para a questão de gênero com um olhar mais genérico, não se compreende a profundidade da relação que cada ser vai fazendo com o sexo e o gênero.

A autora (2016, p. 176 e 178) nos revela que com a psicanálise e depois de Lacan as questões de gênero que se apresentam não têm uma relação direta com o Édipo. Pois essas questões são anteriores, estão relacionadas ao laço que é feito do sujeito com um Outro que se apresenta como uma marca singular, como um primeiro ponto identificatório.

Para ilustrar a singularidade desse processo identificatório, Leguil traz duas autoficções de autores contemporâneos e afirma que elas nos conduzem às origens do gênero por meio da relação com um pai e da relação com uma mãe.

Inicialmente, ela traz Delphine Vigan que escreve um livro sobre sua mãe, Lucile. O livro é uma tentativa de pôr em palavras todo o rastro de dor que foi herdado de sua mãe, algo que transcende a questão de gênero, mas que repercute diretamente. Delphine escreve sobre como teria sido a infância de sua mãe com marcos como a morte de seu irmão que vai retirando-a da realidade, psicotizando-a e com o incesto pelo seu próprio pai, avô de Daphine.

Durante a narrativa, Daphine vai se deparando com a ausência de desejo de sua mãe e com a conseqüente ausência de desejo em si (pois o desejo sempre passa pelo desejo do Outro), restando apenas o rastro de dor que a liga à sua mãe e ao seu próprio feminino. Sem desejo, mãe e filha estão em uma “ofuscante obscuridade, da ordem de uma opacidade angustiante, infinita e eterna” (2016, p. 181). Leguil diz que é desse veneno que Daphine é herdeira e não de uma norma. “Como ser filha de uma mulher que desapareceu como sujeito? Como dar um sentido à feminilidade, quando a própria mãe se perdeu no mundo do silêncio e do insensato?”, questiona a autora (2016, p.182).

Vê-se que o que se transmite de mãe para filha não são apenas as normas, os hábitos, os papéis de uma mulher, mas “o que se transmite subterraneamente é outra coisa que se incrustará na carne como se não fosse nada, afligindo o ser com um fardo do qual é difícil se desfazer” (LEGUIL, 2016, p. 185).

Outra autoficção trazida por Leguil (2016, p. 187) é sobre Pascal, mais especificamente sua relação com seu pai. O filho sempre odiou o pai e escolheu viver longe dele. O pai era antisemita, racista, adorador de Hitler, intolerante, violento com sua mulher, mãe de Pascal. O ódio que Pascal tem de seu pai revela uma maneira que ele encontra de se libertar do seu genitor, mas a referência e a identificação continuam. Essa paixão reforça a relação com o seu pai, não sendo suficiente para salvá-lo.

Na tentativa de se libertar dessa herança, Pascal, ao presenciar os maus tratos de sua mãe pelo seu pai, escolhe tomar um caminho diferente, ser um homem de uma outra maneira: dedicaria sua existência às glórias do corpo feminino. (LEGUIL, 2016, p. 188). Pascal escolhe dedicar sua vida ao corpo feminino, chegando a afirmar que “numa vida próxima” ele gostaria

de renascer mulher” (LEGUIL, 2016, p. 195). Apesar dessa tentativa, o fardo da herança pesa sobre ele que ataca as mulheres que o amam repetindo o gozo de seu pai que passa a ser o seu próprio.

Como se vê das duas histórias, as relações que cada personagem tem com suas referências de gênero são muito particulares. A posição diante do feminino e do masculino, com o olhar de Leguil, alcança uma profundidade que vai além da normatização social, da dinâmica familiar generalizada, do desejo inicial no estágio do espelho, sendo a escuta do sujeito o único caminho para se compreender a marca do que foi herdado de sua história que atravessa a questão do gênero.

Ainda no tocante à singularidade, retoma-se brevemente aqui a estrutura psíquica dos sujeitos transexuais. Há uma divergência entre os autores, como se viu. Há quem entenda como Graña que, apesar de aludir a uma simbiose extrema com a não inscrição do pai na vida psíquica do filho, não se trata de uma psicose. Lacan, por sua vez, como visto afirma que se trata de uma psicose. Entende-se que é precipitado e taxativo atribuir uma determinada estrutura psíquica para o fenômeno transgênero sem olhar para a história particular e singular de cada sujeito e muito menos sem escutá-lo, o que muda o acento da pulsão sexual para a identidade de gênero.

4. A CAMADA INDIVIDUAL

4.1. A DINÂMICA ENERGÉTICA

No meio científico, a natureza da energia ainda é algo bastante discutido. Entretanto, para Lowen, mais importante que compreender esse caráter é aceitar, como proposta fundamental, que a energia está presente em todos os processos da vida, como nos movimentos, nos sentimentos e nos pensamentos. Ainda segundo o referido teórico, “a quantidade de energia que um indivíduo possui e como ele a usa irá determinar e refletir em sua personalidade” (LOWEN, 1982, p. 41).

Nesse sentido, a quantidade de energia armazenada no indivíduo refere-se a carga energética, conceito que deve ser discutido em paralelo com o de descarga energética, visto que, para existir, o organismo precisa, minimamente, manter um equilíbrio entre a carga e a descarga de energia. Além disso, é necessário manter o nível de energia coerente às necessidades (LOWEN, 1982).

O movimento dessa energia no interior do organismo é chamado de fluxo. As vivências traumáticas pelas quais o sujeito perpassa dificultam que a fluidez energética aconteça de maneira harmoniosa. Por essa razão, são formados bloqueios ou tensões crônicas, manifestadas nas áreas de insensibilidade ou de grande contração muscular. Diante disso, a motilidade do corpo é reduzida e “a vida emocional de um indivíduo depende da motilidade do seu corpo” (LOWEN, 1982, p. 47).

Reich chamou tais bloqueios energéticos de estases, que podem tomar a forma de tensão, quando há excesso de energia, ou de espasmos, quando a concentração é baixa. Uma estase crônica, por sua vez, torna-se uma couraça, responsável por inibir o prazer e a expansão do indivíduo, além de afastar sua vitalidade, autenticidade e sua capacidade de viver como um eu verdadeiro (REICH, Eva, 1988). Por outro lado, a couraça representa uma proteção contra as ameaças. Considerando que a couraça é formada, essencialmente, no decorrer da infância, essa armazena a história congelada do sujeito, deixando no corpo as memórias angustiantes das experiências vividas.

Em outras palavras,

Os conflitos emocionais não resolvidos da infância são estruturados no corpo por tensões musculares crônicas que escravizam o indivíduo limitando a sua motilidade e a sua capacidade de sentir. Essas tensões que prendem o corpo – moldam, cindem, distorcem – devem poder adquirir uma liberdade interior (LOWEN, 1982, p. 130).

Ao expandir seus estudos a partir da compreensão sobre as couraças, Reich percebeu que todo indivíduo carrega consigo, mesmo diante das mais variadas situações, um padrão de respostas específicos que corresponde a determinadas características físicas, ao qual denominou de caráter (BOADELLA, 1985). A partir disso, os tipos de caráter foram desenvolvidos pelo teórico e, posteriormente, ampliado por Lowen, que acrescentou o caráter esquizoide como umas das possibilidades de estruturação.

4.2. A DEFESA CARACTERIOLÓGICA ESQUIZÓIDE

Lowen aponta que, na sociedade contemporânea, os indivíduos exibem cada vez mais características esquizoides, fato que revela a confusão de identidade como um fenômeno sócio-cultural típico dos nossos tempos (LOWEN, 1979). Embora conflitos centrais semelhantes sejam encontrados no núcleo dessas pessoas, a maneira como esses irão se manifestar possui um caráter subjetivo, que depende de vivências particulares. Ao tratar sobre a temática da disforia de gênero, pretendemos discutir aqui a seguinte hipótese: a não identificação com o corpo seria uma das possíveis manifestações da estrutura esquizoide?

Para iniciar essa discussão é preciso mencionar que o problema central no indivíduo de estrutura esquizoide diz respeito à questão da identidade. Diante disso, a pergunta “quem eu sou?” surge como uma questão central. O senso de identidade é derivado de uma sensação de contato com corpo. Nesse sujeito, cuja identificação foi perdida, as sensações de estranhamento e irrealidade são comuns, fato que aponta para uma tendência à despersonalização. Um dos meios encontrados para adquirir identidade é a utilização de uma máscara ou a adoção de um papel. Tal máscara constitui uma couraça contra o terror que está subjacente à expressão facial de congelamento (LOWEN, 1979).

Ademais, no esquizoide, imagem e realidade estão dissociados. Sobre esse ponto, Lowen (1979, p. 17-18) afirma que “uma pessoa sábia tem uma imagem de si própria que está de acordo com aquilo que seu corpo sente e aparenta”. Para o autor, a perda do senso de identidade tem suas origens na história familiar, na medida em que a criança é coagida a se enquadrar na imagem inconsciente dos seus pais. Em razão disso, seu senso de “eu” é perdido, bem como o seu contato com a realidade (LOWEN, 1979).

Além da distorção entre imagem e realidade, também se estrutura nesse caráter um conflito entre o ego e o corpo, isto é, entre a maneira como o indivíduo se vê como ser social e como se enxerga enquanto ser físico. Diante disso, emergem duas identidades contraditórias: uma delas, criada pelo ego, a outra, formada pelo corpo. Na personalidade esquizoide, a imagem

do ego se desenvolve como uma reação à imagem corporal; assim, o ego, ao negar o corpo, estabelece seu domínio ao afirmar que seus valores são maiores que aqueles firmados pelo corpo. (LOWEN, 1979). Nesse panorama, fica o questionamento se as mudanças corporais (possibilitadas pelas cirurgias, terapia hormonal e outros meios) vivenciadas pelos transgêneros seriam uma maneira encontrada por esses sujeitos de integrar ego e corpo.

Diversos estudos têm revelado que a imagem corporal se forma a partir das sensações que derivam das experiências de contatos físicos entre a criança e os seus pais. Essas experiências, que incluem a satisfação das necessidades do infante, a maneira como é tocado, sustentado e olhado, deixam marcas de prazer ou dor que irão influenciar na formação da imagem corporal. Quando as sensações destes contatos são positivas, a imagem corporal formada é clara e integrada, quando as sensações são negativas, a imagem corporal torna-se distorcida e desintegrada (LOWEN, 1979).

Uma imagem corporal defeituosa denota, portanto, uma perturbação na relação mãe-filho. Tendo em vista que, no início da vida, a identidade da criança é basicamente uma identidade corporal, a qualidade do contato físico que a mãe dispensa ao filho determina o sentimento deste em relação ao seu próprio corpo, afetando, conseqüentemente, o tipo de resposta dada às situações da vida. O contato sensível, caloroso e firme possibilita à criança sentir prazer em seu corpo e reforça seu desejo de contato posterior com o mundo. Por outro lado,

Uma mãe que rejeita seu filho, priva-o da oportunidade de experienciar o prazer de seu corpo na intimidade física existente na relação mãe-filho. A mãe possessiva nega ao filho o direito de experienciar o seu corpo como sendo dele próprio, usurpando o corpo da criança para seu prazer e satisfação pessoais (LOWEN, 1979, p. 80).

Ainda sobre essa relação, Lowen menciona a importância do olhar da mãe para o filho, uma vez que um olhar delicado e amoroso ou duro e odioso tem efeitos diferentes quanto à responsividade nos olhos da criança (LOWEN, 1979).

Sobre essa temática, Winnicott acrescenta importantes contribuições teóricas, ao formular que, para alcançar o estado de unidade, “o bebê depende fundamentalmente da presença de um ambiente facilitador que forneça cuidados suficientemente bons” (DIAS, 2003, p. 96). Esse ambiente deve fornecer as condições físicas e psicológicas necessárias ao desenvolvimento para que o bebê venha a existir verdadeiramente. Por isso, sua influência é tão decisiva para a maturação psíquica do sujeito, especialmente durante os primeiros anos de vida, momento de vivências fundamentais.

Nesse cenário, o ambiente facilitador, inicialmente, é a mãe suficientemente boa, aquela capaz de reconhecer e atender às necessidades do seu bebê, estabelecendo uma comunicação profunda através de uma relação de intimidade. Ademais, a mãe suficientemente boa é devotada ao bebê e isso inclui um envolvimento total. Porém, a adaptação materna vai se tornar cada vez menos absoluta, de modo que ela permita ao filho caminhar, gradualmente, rumo a estágios de maior autonomia, se fazendo cada vez menos necessária (DIAS, 2003).

Quando o bebê consegue empregar suas tendências inatas na presença de um ambiente suficientemente bom, que responde satisfatoriamente ao gesto espontâneo da criança, surge o verdadeiro self, cuja manifestação é observada através da espontaneidade e da criação. Por outro lado, uma mãe insuficientemente boa não responde aos gestos do bebê ao falhar seriamente na identificação das suas necessidades, comumente observado na negligência e na intrusão demasiada, quando, ao contrário, substitui o gesto espontâneo do filho pelo seu próprio gesto. Essas condições são responsáveis pela distorção do desenvolvimento, instaurando prejuízos psíquicos que podem acarretar, dentre outras possibilidades, na criação de um falso self (SVARTMAN, 2000).

Entretanto, é importante considerar que o falso-self não é necessariamente um problema, afinal, ele funciona como uma defesa, sendo responsável por proteger o sujeito do aniquilamento quando há qualquer interrupção do curso natural saudável. O problema consiste no grande distanciamento entre o verdadeiro e o falso-self, na medida em que este oculta o self-verdadeiro, impedindo a criatividade e a espontaneidade (SVARTMAN, 2000).

Nas etapas iniciais da vida, o bebê encontra-se espalhado, em estado de não integração. Diante disso, alguns cuidados maternos específicos provenientes da mãe suficientemente boa são imprescindíveis: *holding*, que significa a sustentação psíquica e corporal do bebê, facilita sua integração no tempo e no espaço; *handling*, ou o manuseio do corpo do bebê, responsável por harmonizar a vida psíquica com a existência somática, ou seja, por alojar a psique no corpo (personalização); *object-presenting*, a apresentação do seio ou da mamadeira, fato que representa o início do contato com a realidade (NASIO, 1995).

Fazendo a articulação entre esses dois teóricos, compreende-se, portanto, que a imagem corporal de um sujeito tem sua formação influenciada pela qualidade dos contatos físicos e afetivos que foram estabelecidos com o primeiro objeto de amor no início da vida.

Retomando a discussão caracteriológica, na personalidade esquizoide, o corpo é sacrificado e rejeitado como meio de expressão do ser. A existência se ancora, portanto, através da negação. Visto que, “qualquer forma de negação da vida é uma manifestação de tendência

esquizoide” (LOWEN, 1979, p. 31), todo problema emocional tem em seu núcleo um traço esquizoide.

Nesse padrão de defesa, o recurso da ilusão é acionado diante da impotência em lidar com a realidade externa. Ao criar a ilusão, o sujeito manifesta sua luta pela sobrevivência. Mas, ao mesmo tempo que o desespero conduz a ilusão, esta é continuada pela condição de desespero, perpetuando um ciclo vicioso. Segundo Lowen (1979, p. 115), “quanto mais a ilusão rejeita a realidade, mais desesperada torna-se a luta para sustenta-la”, ou seja, quanto mais profundo for o desespero, mais exageradas serão as ilusões do sujeito. O desespero proveniente da ilusão pode conduzir a comportamentos compulsivos e destrutivos, visto que o indivíduo, na busca por concretizar sua ilusão, está disposto a ignorar o prazer “e deixar a vida em estado de latência” (LOWEN, 1979, p. 119). Alguns dos exemplos de ilusão são os traços de perfeccionismo, auto-cobrança, sentimento de superioridade e especialidade.

4.3. O VIÉS DA BISSÍNTESE

De acordo com Boadella (1997), a vida é um equilíbrio entre polaridades que atuam em prol da pulsação vital: anabolismo e catabolismo, alimentação e excreção, inspiração e expiração. Em princípio, o autor considera que o corpo é um destilado ou uma concretização do soma, uma identidade psicossomática e antitética, um meio de união entre forma física e campos da consciência.

Em segundo lugar, há um processo de desequilíbrio e perda de contato com o fluxo vital, de assincronia entre pensamento, disposição e atos, promovidos pela crosta fisiológica e psíquica de defesas que encorajam a vivência do humano. Nesse sentido, há uma clara distinção entre dois campos de experiência: “a do soma sadio, fincado no processo natural, gracioso e em harmonia consigo e com os outros, e o corpo encorajado, cindido de um sentido de conexão mais profundo, envolvido num manto de formações de defesas neuróticas e travado ou resignado em uma corrente de vida bloqueada ou apática”. (BOADELLA, op. cit., p. 113). As expressões primárias, que indicam a totalidade do ser, são claras, originais e não distorcidas. As expressões secundárias indicam fragmentações, indicando perturbação, emparedamento, deformação (insultos à forma), confusão, caos e destruição, que desenvolvemos durante um processo de aquisição de cultura defeituoso.

As polaridades encontram expressões não só em campos densos, mas também em ordens sutis da natureza. Dessa forma, são concebidas as relações entre desenvolvimento e defesa, pessoa e personalidade, fonte e cisão, self e sombra, sossego e desassossego, mente e cérebro.

As tendências humanas à cisão, presentes na relação feto e útero, mãe e bebê, são protótipos das relações e conflitos geopolíticos entre norte e sul, divergências religiosas entre oriente e ocidente, discussões científicas entre mente e matéria, cultura e natureza. O oposto da cisão é a Fonte, a totalidade, que se encontra nas raízes da estrutura subatômica e da matéria desenvolvidas em diversos campos de conhecimento. (BOADELLA, op. cit.).

A consideração das polaridades constitutivas é fundamental, do ponto de vista do desenvolvimento psíquico: no processo de crescimento espiritual que busca desenvolver os centros superiores da consciência enquanto ignora ou reprime os inferiores há um campo instável, assim como o trabalho terapêutico pautado em quebrar defesas e abrir as dores do passado pode ser de intensa fragilização. (BOADELLA, op. cit.)

Pessoa e personalidade são dois polos no espectro da totalidade, já que a pessoa é um centro organizador para a totalidade, a alma no sistema, a individualidade básica, que não pode ser dividida. Pessoa, originada do latim *personare*, pode ser definida quando se fala plenamente a partir da profundidade da própria experiência, voz de sentimentos interiores e essenciais, que corporificam o ser no mundo. A mesma palavra, *personare*, foi associada à palavra grega *persona*, que significa máscara – elemento que esconde o rosto do narrador, através do qual ele falava no papel que representava na tragédia. Nesse sentido, *persona* faz alusão ao conceito de *persona*, discutido por Jung – faceta que oculta o verdadeiro eu -, ao conceito de personalidade de Gurjieff – sinônimo para padrões falsos de comportamento que são desenvolvidos como contatos substitutos -, e similar ao conceito formulado de caráter formulado por Reich – conjunto cristalizado de padrões de defesas, couraças psíquicas. (BOADELLA, op. cit.)

Para designar uma das inúmeras maneiras pelas quais a pessoa, a essência ou o verdadeiro self pode se expressar, D. W. Winnicott utiliza o termo “gesto espontâneo”. Estaria relacionado ao cerne, ao centro do ser, representando o que há de mais autêntico, mais genuíno para aquela pessoa em especial, em contraposição ao falso self, formação defensiva desenvolvida diante das falhas ambientais com as quais depara-se o indivíduo em seus processos primários de desenvolvimento.

Considerando o exposto, abordaremos a seguir a polaridade esquizoide-histérica por tratar de discussões pertinentes ao estudo de caso selecionado.

Boadella (2016), no texto Tensão e estrutura de caráter, afirma que as defesas de caráter são padrões universais de resposta. Elas são as cores da ferida. Cada pessoa tem a probabilidade de manifestar uma capacidade de funcionamento latente em cada uma destas áreas que, bem escondida, sobrevive sem danos. Segundo o autor, é esta capacidade latente que torna a terapia possível, sendo assim é com a saúde do paciente que trabalhamos para superar a doença. Sem

ela nos afogáramos em patologia, porque nenhum terapeuta pode trazer saúde a uma pessoa que não ofereça nada além de resistência.

Ao citar as bases do caráter, Boadella (op. cit.) propõe o olhar de Lake e Lowen, para elucidar algumas diferenças. Lowen distinguiu 5 principais padrões de defesa de caráter, 2 que se encontram na primeira metade do ciclo de maturação e 3 que dizem respeito à segunda metade do ciclo. Lake, por sua vez, dedicou-se, num primeiro momento, somente à primeira metade do ciclo e descreveu quatro padrões de caráter associados a este período. Seu trabalho é mais detalhado nesta área enquanto o de Lowen detalha mais as últimas fases do ciclo. As duas caracterologias são complementares e coerentes entre si.

O primeiro estágio trata da vinculação e separação: A luta pela identidade. O direito básico deste período é o de existir, o de possuir um sentimento da sua própria identidade. A criança necessita de contato íntimo com a pele da mãe. Este contato forma a base do seu contato com o mundo. (BOADELLA, op. cit.)

A ameaça básica à vinculação é a aniquilação através de desvinculação e separação. A criança que for privada destas experiências essenciais de contato vive com um sentimento básico insuportável de medo e desespero. Esta é a agonia da posição esquizóide básica: a sensação de abandono, de desolação, de estar congelado e ausente do mundo. Lake descreve o deslocamento entre os dois padrões de reação de caráter muito contrastantes: a defesa esquizóide e a defesa histérica. Ambos se originam da tentativa de se lidar com o medo. (BOADELLA, op. cit.)

A pessoa esquizóide vivencia o medo da “não existência” e da rejeição como um terror agudo diante do qual ela congela, paralisando e fragmentando, muitas das suas funções. A pessoa histérica vivencia este medo como uma espécie de dor aguda da qual ela foge. A despersonalização é a experiência que origina os dois padrões de caráter uma vez que não ser uma pessoa com seus próprios direitos é a base para a situação de medo. Enquanto o caráter esquizóide aprendeu a viver com esta despersonalização e a usá-la como uma proteção contra um stress ulterior proveniente das pessoas (uma forma de adaptação ao frio), o histérico foge da despersonalização. Todas as suas defesas são construídas no sentido de evitá-la. Enquanto o indivíduo esquizóide desenvolve uma "visão interna": pode ver, mas não olha e não suporta ser olhado, o histérico desenvolve a "visão externa": pode olhar, mas não vê. (BOADELLA, op. cit.)

Os pesadelos típicos dos indivíduos esquizóides são sobre desertos gelados e regiões árticas, morte por congelamento ou extinção lenta (ex. do filme: obras mórbidas de pântanos),

enquanto os pesadelos típicos do histérico incluem bombas atômicas e explosões, morte por queimadura ou catástrofes súbitas.

Boadella (2016), ao tratar sobre a paralisia esquizoide, relata que o pesadelo implausivo da pessoa esquizoide está preso à paralisia do que Lake chamou de "ruptura tripartite". Existe uma cisão entre o corpo e a mente, de modo que a pessoa esquizoide vive na sombra da despersonalização, que o histérico, na maior parte das vezes, consegue evitar. Existe uma ruptura dentro do organismo entre o terror que congela e aprisiona a energia, reprimindo as sensações vitais numa estrutura corporal implodida e contraída, e a raiva que procura sair destrutivamente e explosivamente, mas é refreada pelo terror. E existe uma cisão entre o self e o mundo exterior, o que leva a um conjunto de relações do tipo "como se". A defesa esquizoide específica contra o isolamento do "deserto gelado sem contato" que é a sua primeira experiência do mundo, pode tomar diversas formas. A despersonalização esquizoide nos leva a, no mínimo, três deformações de auto-imagem características: o "santo", o "demônio" e o "robô". A sensação santo, de certa forma, o esquizoide vive como além da morte. Ele age como se seu corpo estivesse parcialmente morto, e é assim que ele se sente como se tivesse uma existência além do corpo. Os demônios, e monstros rondam as fantasias do caráter esquizoide. O robô é um homem mecânico, que achou sua forma de funcionar no mundo sem carne e sem sangue.

Quando somos profundamente mexidos por sentimentos, o corpo move espontaneamente. Entregar-se ao sentimento é entregar-se aos movimentos corporais que expressam este sentimento. Boadella (2016) cita Reich, para descrever três direções de movimentos corporais: (away) afastando-se das pessoas, (against) contra as pessoas e (toward) em direção às pessoas. Nós nos movemos contra as pessoas quando sentimos raiva ou ódio, nos afastamos das pessoas assustados ou com medo, nos movemos na direção das pessoas com prazer e amor. (BOADELLA, op. cit.)

Ao descrever alguns dos inter-relacionamentos entre o homem agressivo e a mulher passiva, e o homem passivo e a mulher agressiva., Boadella (op. cit.) faz alusão às idéias de Pierrakos apontando que, uma vez que ambos os tipos de caráter contêm, de uma forma reprimida, a sua polaridade oposta, podemos encontrar uma alternância de papéis em um mesmo relacionamento.

A mulher escolhe um homem com características básicas de passividade e que não assume a responsabilidade por sua agressividade. Ocultando sua agressividade, ele expressa (deixa sair) seus sentimentos negativos de forma indireta, e a mulher expressa sua agressividade nas funções do ego. Ele revela sua crueldade quando nega seus sentimentos ou quando os expressa num comportamento sexual insensível. O homem esconde da mulher: seu amor, seu prazer e seus sentimentos de afeto. Assim, ele a subjuga e a força a se submeter a ele no ato sexual. Em outros momentos, o homem que se sente ameaçado e assustado com o comportamento ameaçador da

mulher, abre mão do seu papel agressivo, da sua masculinidade e se entrega a um estado de total passividade em todos os sentidos. Estes dois parceiros também podem alternar os papéis. A mulher se torna o parceiro agressivo com implicações paranóides, num nível externo. Na inversão dos papéis a mulher assume o papel passivo e o homem se torna o agressivo. Assim se dá o jogo da roda, num sobe e desce entre passividade e agressividade. (PIERRAKOS apud BOADELLA, 2016)

Boadella (2016) cita ainda reflexões de um outro autor, Rudolph Laban, ao corroborar que uma pessoa é livre em seus movimentos quando é capaz de oferecer resposta em qualquer ponto do espectro entre os extremos de cada modo, dependendo do que a situação exigir. Ela pode ficar imóvel ou móvel, devagar ou rápida, inflexível ou comprometida, forte ou delicada, de acordo com a necessidade. As reações de caráter podem ser vistas como expressões distorcidas destas tendências primárias: assim o esquizóide não está simplesmente imóvel, ele congela; o fático não é simplesmente direto, ele é compulsivamente invasivo, e assim por diante, caracterizando-as como defesas.

A intervenção sobre as referidas defesas em direção à liberdade de movimento na vida é um processo extremamente delicado. Dessa forma, Boadella (1997) considera que o Self, essência intangível e identidade mais profunda, só faz-se mostrar quando possível “perder” as identidades costumeiras da persona e iluminar a sombra existente em nós. A sombra cria a ilusão de que não há Self e sim ego, constituindo a voz do desespero e medo que eclipsam a expressão da essência na vida. Contudo, essa sombra não desaparece quando negada. “Quando o que há na sombra é iluminado, ocorre uma sutil alquimia, o medo pode ser transmutado em excitação, a raiva furiosa, em trabalho criativo, a noite negra do desespero, no perfume sutil da esperança (...)” (BOADELLA, 1997, p. 123). Nessa perspectiva, é olhando para a direção e comprimento da sombra que poderemos identificar a posição do Sol e a hora do dia.

Conforme Winnicott (1978), o reconhecimento da importância do ambiente no desenvolvimento psíquico é imprescindível para “o manejo de setting”, assim como o reconhecimento de antíteses e expressões do verdadeiro self, tanto do paciente quanto do analista, são essenciais para a superar impasses no processo analítico ou para o surgimento de novas facetas valiosas para a continuidade do trabalho desenvolvido. Tais expressões, emergentes no par terapêutico, envolvem o gesto espontâneo e a interpretação criativa, incluindo a possibilidade de o paciente encontrar o ódio do terapeuta como forma de permissão para acessar sua própria hostilidade dissociada e seu trabalho integrativo.

A expressão “não admito isso em um homem” inclui uma carga inegável de sentimentos hostis. Inclui também a firmeza e a força por vezes necessárias para marcar o limite, o limite intransponível, marcar o lugar e a presença do pai, o indestrutível (...). Ao escrever sobre a conceituação de elementos masculinos e

femininos expelidos (split-off) encontrados em homens e mulheres, Winnicott relata passagem instigante vivida com um paciente. O paciente já havia realizado uma longa análise, mas apresentava dificuldades em terminá-la. Em determinada sessão, Winnicott relata a presença significativa do que usualmente denominamos “inveja do pênis”, algo incomum ao se pensar que o paciente em questão era um homem. A interpretação fornecida ao paciente foi: – ‘Estou ouvindo uma moça. Sei perfeitamente bem que você é homem, mas estou ouvindo e falando com uma moça. Estou dizendo a ela: você está falando sobre inveja do pênis’. Os efeitos da interpretação confirmaram sua pertinência. O paciente responde: ‘Se eu falasse a alguém sobre essa moça, seria chamado de louco’. Winnicott prosseguiu: ‘Não é que você tenha contado isso a alguém; sou eu que vejo a moça e ouço uma moça falar, quando na realidade, em meu divã achasse um homem. O louco sou eu’. E em seguida afirma: ‘Não tive de elaborar esse ponto, porque a chave era aquela. O paciente disse que agora se sentia são, num ambiente louco. Em outras palavras, achava-se agora liberto de um dilema’. ” (MOTTA, 2005, p. 15)

A posição assumida na relação terapêutica e a proposta interpretativa das ambivalências e conteúdos antitéticos no estudo de caso referenciado na citação apontam a análise realizada de que a mãe do paciente (embora não estivesse viva e não houvesse capacidade de comprovação) viu uma menina quando o viu como bebê, antes de passar a aceitá-lo como menino e a “loucura” dessa situação, até então secreta para o paciente, foi atualizada na relação terapêutica, permitindo-lhe um distanciamento necessário para habilitar-lhe no processo integrativo.

Postos os conceitos, dedicaremos a sessão seguinte às análises do filme selecionado, construindo esforços teórico-conceituais que permitam algumas reflexões acerca do fenômeno transgênero.

5. ANÁLISE DO FILME “A GAROTA DINAMARQUESA”

O filme é baseado em uma história real escrita em livro e apresenta a cinebiografia de Lili Elbe, nascido Einar Mogens Wegener, um artista plástico dinamarquês que teria sido a primeira pessoa a se submeter a uma cirurgia de mudança de gênero. Dentre diversas questões, o filme mostra a história da medicina na compreensão e atuação diante da transexualidade, que, na década de 20 não estava preparada para lidar com as possíveis complicações daquela intervenção.

Na narrativa, acompanhamos Einar, um reconhecido e discreto pintor de paisagens, casado com Gerda, pintora de retratos humanos, cujo trabalho ainda não havia sido reconhecido. A relação do casal é inicialmente apresentada como uma aliança entre um homem passivo-feminino e uma mulher fálico-masculina, que passa a reconhecer e evidenciar o desejo de Einar pelo uso de adereços femininos, em uma suposição de jogo sexual e, ao mesmo tempo, transgressivo em relação aos papéis sociais enrijecidos na época. Contudo, paulatinamente, Einar, paulatinamente, vai reconhecendo o próprio corpo como algo que não corresponde ao desejo que descobre habitar em si mesmo. Gradualmente, Einar vai deixando de existir e dando lugar a Lili, que revela angústia e tormento diante de um corpo estranho a si.

Inicialmente, Einar é apresentado como um indivíduo introspectivo, em uma polaridade esquizoide, que trazia como tema de sua paisagem interna/endodérmica a solidão e o vazio em uma tela com inacabada, interpretada pela sua esposa como um “pântano”. Gerda dizia que a pintura, a qualquer momento, poderia “sugar-lhe” para dentro da figura, ao que ele retruca não correr tal risco por que o pântano estaria dentro de si. Einar apresenta estrutura corporal esguia e frágil, com traços delicados, infantis e femininos, uma estrutura ectodérmica intelectualizada, ressaltada pela sua desenvoltura em análises críticas de arte e uma atitude retirada, passiva, observada nas iniciativas esperadas do outro, na timidez e na dificuldade de intimidade com a qual defende-se. Outros traços da esquizoidia se manifestam em sua couraça ocular, através do olhar que, ora distante e perdido, ora assustado, parece acalmar e encontrar conforto nos olhos de Gerda. Sua tendência dissociativa revela-se desde o princípio, inicialmente de uma maneira contida e posteriormente conflitiva, levando-o `despersonalização e ao acting-out. Gerda manifesta sua identificação com dissociação, de outro modo, quando afirma: “eu sou como Einar”.

O eixo principal de análise ocorre em torno da questão de identidade, pois, muito embora não haja alusão à constituição histórica das relações de Einar com suas figuras de referência e identificação primária, há uma série de pistas analíticas, a começar pelo lugar de Einar na

relação com Gerda, que serão elencados a seguir, em conexão com alguns dos conceitos citados anteriormente. É na relação e no olhar de Gerda que são evidenciados três lugares relacionais distintos que Einar assume:

O primeiro lugar relacional, referente ao papel do homem inserido na instituição social do casamento, que faz-se possível na medida em que Gerda toma todas as iniciativas e Einar atenta-se aos detalhes estéticos de sua esposa, com suas roupas, maquiagem e caimentos. Ele enuncia que “o casamento cria uma outra pessoa, diferente das duas”. Nesse momento, constata-se o ganho de Gerda em uma relação de domínio, satisfação pela conquista (“tão tímido, ficou corado quando o chamei para sair”), apesar da verbalização: “quando o beijei pela primeira vez, foi estranho, parecia que estava beijando a mim mesma”. Ao mesmo tempo, observa-se a posição passiva de Einar (“Fui seduzido por seus tornozelos” e “ela parecia muito convicta do que queria”). Nessa relação, o lugar “cisgênero”, bem como o do sujeito casado, foi provisoriamente possível. Na relação com Einar, Gerda assume inicialmente um papel fálico, masculino, revelado desde sua forma de vestir-se e de atuar na relação de conquista e condução da relação conjugal à satisfação em encontrar no par amoroso os traços de delicadeza estética e atitudinal, chegando a propor-lhe que posasse substituindo uma bailarina.

O segundo lugar relacional, faz-se presente a partir da primeira pose feminina para uma tela, da descoberta da própria camisola por baixo das roupas que o marido usava e na medida em que Gerda propõe experimentações de adereços, posturas e gestualidades femininas para que o marido e a acompanhe em festas, como jogo diante da resistência de Einar em frequentar os eventos sociais, os quais o levam a sentir-se atuando. A partir de então, Gerda propõe que ele faça outro papel, de outra pessoa. Ambos parecem acessar descobertas: Einar, de aspectos que dizem dele mesmo e Gerda do prazer fetichizado em travestir o marido de suas próprias fantasias.

Se através do olhar de Gerda, Einar existiu como par de uma relação conjugal, é também através desse olhar que Einar se vê autorizado a acessar suas questões mais secretas. Um desejo latente incongruente com seu corpo, com sua genitalidade e que cresce para a incongruência de gênero. A partir dos primeiros quadros que Gerda faz, quando pede para posar como bailarina e quando passa a vê-lo em sua feminilidade, vestido em sua camisola, é que Einar passa a ver-se, ensaiando um novo lugar. Novas poses e experimentos surgem nessa relação, evocando em Gerda a criatividade na arte, ao mesmo tempo em que Einar passa a recusar esse recurso de transicionalidade para outorgar-lhe sem sucesso aos objetos. Assim, o diário é eleito como objeto transicional, assinalando a ponte entre o mundo interno e externo, que ganha forma no corpo de Lili (personagem feminino construído para Einar vestir-se e atuar como tal).

Paralelamente, ao pintar Lili, Gerda dá vida e corpo a tal identidade. Assim, enquanto Gerda assume, inicialmente, o lugar de homem de Einar, em momento posterior, ocupa a função de mãe de Lili. Além do próprio olhar, esse papel também é visto nos cuidados dispensados (como no suporte, no controle da medicação, dentre outras ações). Portanto, Gerda proporciona a Lili uma sustentação gradual, embora sofra concomitantemente pelo luto do esposo.

O terceiro lugar relacional é demarcado no momento em que ambos percebem que a brincadeira deu lugar a uma necessidade de redefinição identitária no real, que implicava na orientação sexual de Einar. Apesar dos conflitos vivenciados por ambos, é no olhar de autorização de Gerda que Einar busca *grounding* para continuar seu processo. Nesse momento, Einar revela sua experiência sexual na adolescência e passa a desejar a vivência da sexualidade feminina com um outro homem, por quem apaixona-se. Nesse novo processo, Einar traz a polaridade histórica, remetendo à defesa em fuga do vazio e do pântano dentro de si através da ritualidade em vestir-se para dar o lugar cobrado por Lili, chegando a desejar a morte de Einar. Diversos conflitos instalam-se na sua relação com o social e na relação com sua esposa, assim como são propostos diversos diagnósticos patologizantes e tratamentos para reverter suas questões. Ao considerar-se um “erro da natureza”, Einar encontra satisfação para sua existência na negação de seu corpo. Assim, a proposição de cirurgia de mudança de sexo é vivenciada como esperança final, contudo permeada por angústia e recusa na espera, precipitando Einar na própria morte. A luta entre vida e morte é expressa, aqui, no conflito entre ser ou não ser.

Se os conflitos do pântano inicial indicavam vazio existencial, sua tendência autoaniquiladora é revelada nos descuidos do processo assumido. As atitudes compulsivas e destrutivas observadas revelam o desespero proveniente da ilusão. Em seu estado de desespero, Einar se dispõe a ignorar o bem-estar e a vida na busca de concretizar aquilo que imagina ser capaz de lhe tirar do desespero. Como menciona Lowen (1979, p. 115), “quanto mais a ilusão rejeita a realidade, mais desesperada torna-se a luta para sustenta-la”. Einar passa a depositar na cirurgia de mudança de sexo a fantasia de resolução e integração da imagem do corpo imaginário. Nas palavras de Boadella,

O corpo imaginário é o corpo potencial que está bloqueado pelas tensões e pelos padrões de comportamento através dos quais aprendemos a nos estruturar. Experiências fora da estrutura habitual permitem que uma nova vida floresça. O corpo imaginário é a visão daquilo que a pessoa poderia ser, uma direção que ela pode tomar. Podem ser necessárias muitas experiências como esta até que o corpo imaginário se transforme em um corpo real, o corpo da pessoa renascida. Mais uma vez não estou falando de descarga explosiva, nem de agonia, nem de abandono primitivo, mas de experiência de integração e autoformação que nasce da contenção e da respiração, e

leva ao sentimento. É uma experiência que dá à pessoa a capacidade de se alimentar internamente e transformar sua vida (1992, p. 99).

Nesse sentido, na busca que *grouding* externo, não é perceptível a consolidação do *grouding* interno em Einar. Há a constante busca de confirmação em Gerda, mesmo intercalando momentos de divergência e rupturas. No final do filme, após grandes perdas de sangue no processo cirúrgica, Einar diz-se uma mulher completa. Contudo, não houve continuidade para considerar se, de fato, houve reelaboração de imagem corporal e unidade psicossomática. De acordo com Argentieri (2017), em sua experiência clínica, embora vivenciem “sofrimento psicológico e sacrifícios financeiros, muitas vezes os pacientes também “percebem que a “reconstrução” ou, melhor, a “reatribuição” é impossível e que a destruição é irreversível, eles ficam então consumidos por raiva, desespero, ansiedade e, acima de tudo, por ressentimento pela decepção que sofreram”. (ARGENTIERI, 2017)

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo propôs a correlação entre questão do transgênero e o referencial teórico da psicanálise, na perspectiva da constituição do sujeito no vínculo com o outro, e das psicoterapias corporais, especificamente da biossíntese, considerando a integração entre as três camadas embrionárias, os processos de cisões e polaridades esquizo-histéricas, bem como de integração e conexão com aquilo que há de essencial no indivíduo.

Identificamos a escassez de produções na área e a importância na continuidade e aprofundamento de estudo. A hipótese da polaridade esquizoidia-histeria aqui trabalhada demanda maiores reflexões e apropriação dos processos em torno do transgênero. Nosso objetivo não foi restringir o fenômeno transgênero a categorias diagnósticas, mas sim de indicar possibilidades de compreensão: ajudar cada pessoa a tolerar sua dúvida, ambiguidade, incerteza; de dar tempo para a compreensão das próprias ansiedades, em vez de fugir em direção à atuação. (ANGENTIERI, 2017)

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARGENTIERI, Simona. Travestismo, transexualismo, transgêneros: identificação e imitação. **Jornal de psicanálise**, São Paulo, v. 42, n. 77, p. 167-185, dez. 2009. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352009000200012&lng=pt&nrm=iso. acessos em 08 jul. 2017.

BOADELLA, David. **Nos caminhos de Reich**. São Paulo: Summus, 1985.

_____. **Soma, Self e fonte**. In: KIGNEL, R. Estresse e Caráter. São Paulo: Summus, 1997.

_____. **Tensão e estrutura de caráter**. 2016.

CECCARELLI, Paulo Roberto. **Transexualismo e caminhos da pulsão**. In Reverso, Revista do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais, ano XXV, 2003.

CRUZ, Mafalda Luzia Coelho Madeira da et. al. **A construção da auto-imagem**. In CES Revista. Juiz de Fora, 2006.

DIAS, Elsa Oliveira. **A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott**. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

GRAÑA, Roberto Barbarena. **Transtornos de identidade de gênero na infância: escritos selecionados**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

LANZ, Leticia. **O Corpo da Roupa**. Curitiba: Editora Transgente, 2014.

LEGUIL, Clotilde. **O ser e o gênero: homem/mulher depois de Lacan**. Belo Horizonte: EBP Editora, 2016.

LOWEN, Alexander. **Bioenergética**. São Paulo: Summus, 1982.

_____. **O corpo traído**. São Paulo: Summus, 1979.

MORAES, Antonia Nathalia. **Travestis na atenção primária: o cuidado em saúde na cidade de Natal**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2014.

MOTTA, I. F. **O gesto espontâneo e a interpretação criativa**. Mudanças – Psicologia da Saúde, 13 (2), jul-dez, 271-471p, 2005.

NASIO, Juan David. **Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

REICH, Eva. **Energia vital pela bioenergética suave.** São Paulo: Summus, 1998.

SVARTMAN, Betty. **Winnicott: conceitos que abrem novos caminhos.** Revista da Spagesp. Ribeirão Preto, v. 1, n. 1, p.117-125, 2000.

WINNICOTT, Donald Woods. **O ódio na contratransferência.** In: Da pediatria à psicanálise. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

_____. **O gesto espontâneo.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.